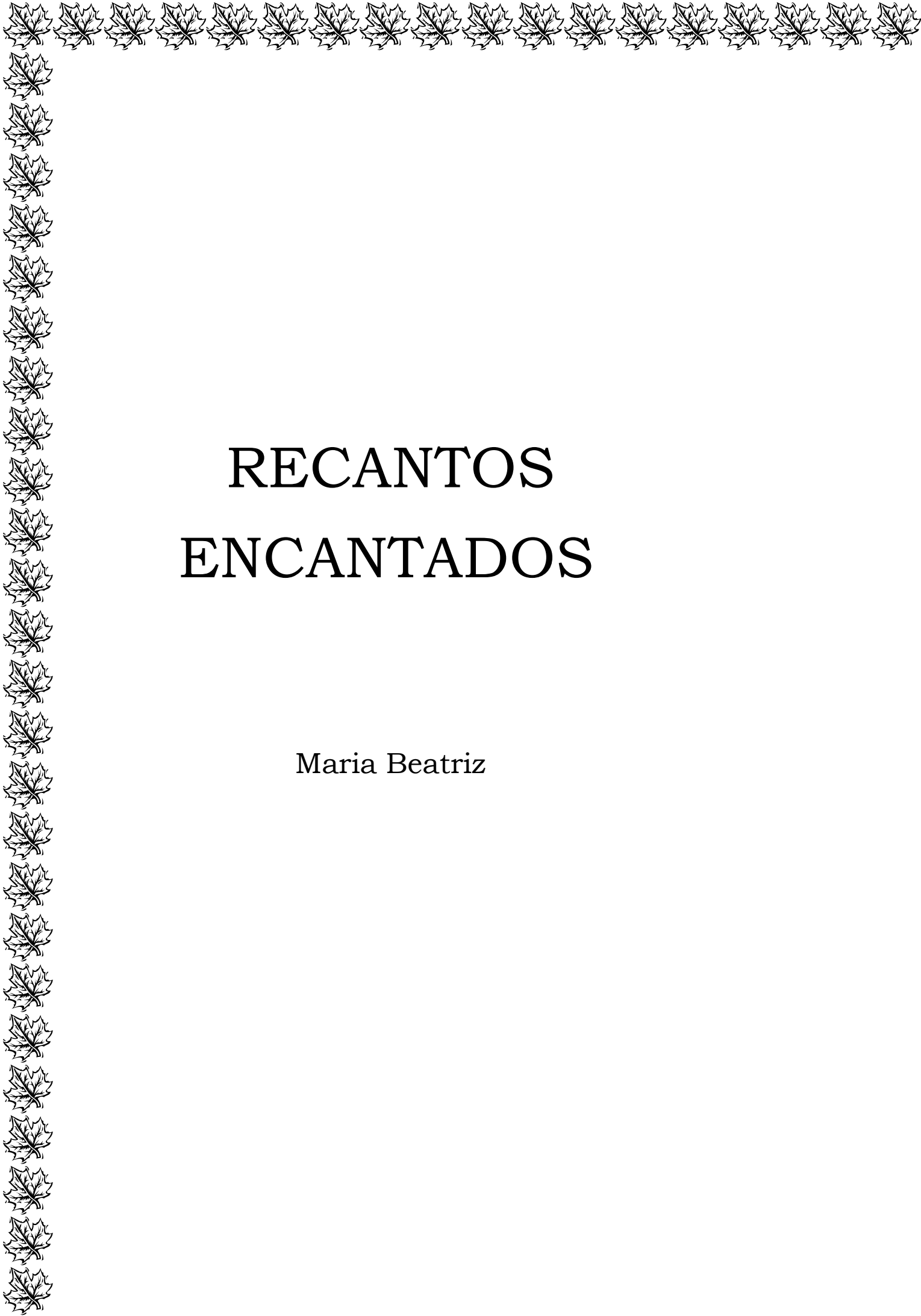


A decorative border consisting of a repeating pattern of stylized leaf motifs, likely maple leaves, arranged in a horizontal row at the top and a vertical column on the left side of the page.

RECANTOS ENCANTADOS

Maria Beatriz

“É melhor ser alegre que ser triste
A alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração.”
(Vinícius de Moraes)

RECANTOS ENCANTADOS

Cantos,
Recantos,
Refúgios...

Passagens,
Imagens,
Momentos...

Revelações,
Repletas de emoção,
Nascidas no coração...

Caminhar,
Voar,
A vida reinventar...

Transformar
Passagens sombreadas
Em recantos encantados.

Sorrir
E não chorar,
Deixar a tristeza partir.

E, no encanto, encontrar
E, no recanto, descobrir
Tudo para ser feliz...

“A tristeza que a gente tem
Qualquer dia vai se acabar
Todos vão sorrir, voltou a esperança
É o povo que dança contente da vida, feliz a cantar.”
Que você encontre o refúgio da alegria e da esperança nas
estradas empoeiradas do caminho...

Carinhosamente,

Julho/09

DEDICATÓRIA

A todos
que me acolheram,
no aconchego do carinho e amor,
nas tempestades das estradas.

E aos que partiram,
deixando rastros luminosos
de saudades...

ALGUMAS PALAVRAS

Escrevo por gostar,
Para o pensamento distrair,
A tristeza apagar
E o equilíbrio encontrar.

Escrevo para relembrar,
Momentos reviver,
Sonhar, imaginar
E até fantasiar.

Escrevo para participar
E com as amigas compartilhar
Os textos a elaborar,
Na “Oficina” do criar.

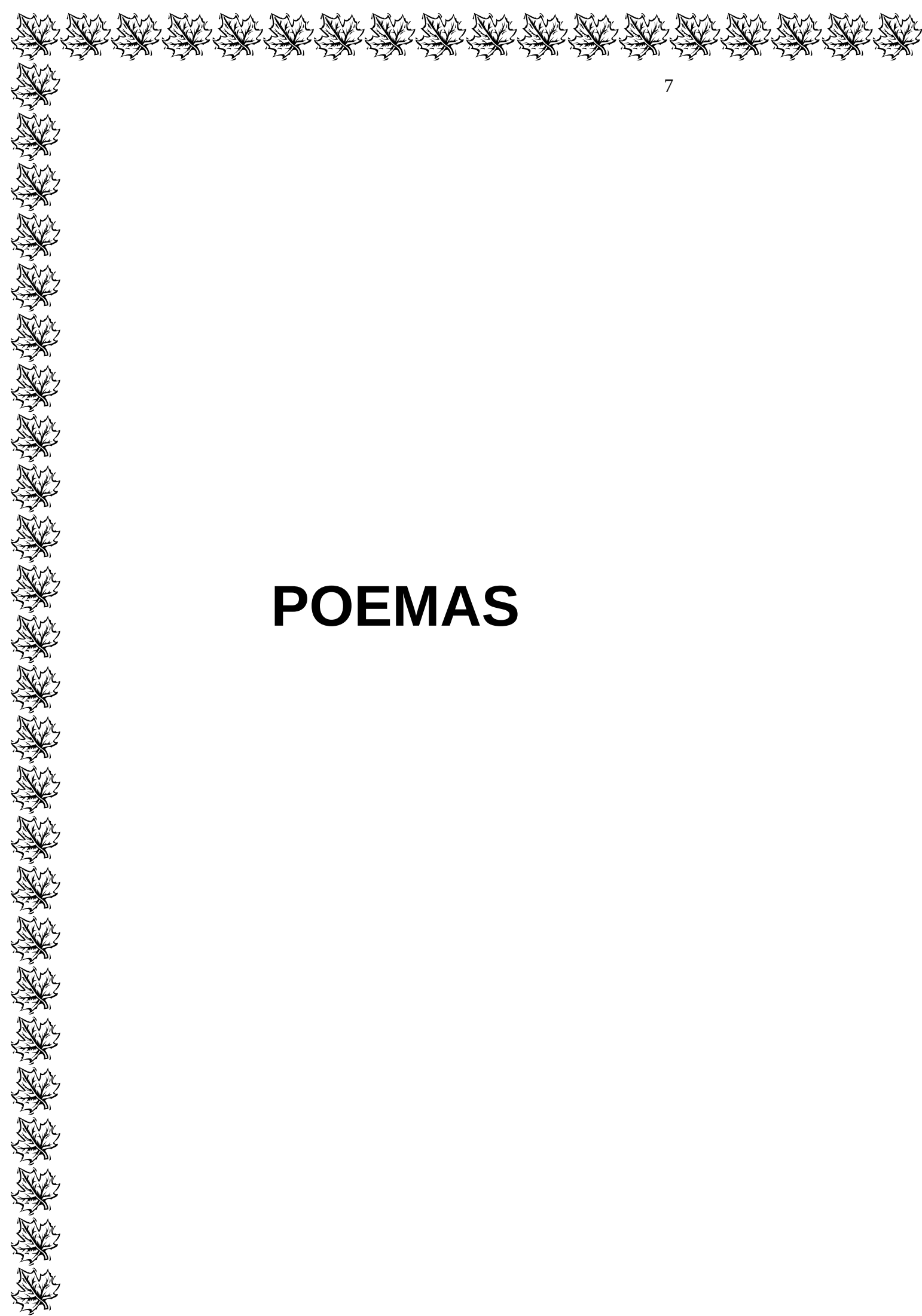
“Recantos Encantados”
vem agora completar
os livros que já apareceram:
“Pedaços do Coração”,
“Menina de Olhos de Noite”,
“Encantamento”,
“Entardecer”,
“Folhas de Outono”,
sem nenhuma pretensão,
todos escritos com o coração.

ÍNDICE**POEMAS**

GRATIDÃO	08
A SOMBRA DOS CAMINHOS	10
MINHA MÃE	12
MÁGICA DE UM PENSAMENTO	13
E AGORA, MARIA?	14
POESIA É INFÂNCIA	16
VENTINHO E AMARELINHA	18
A MENINA E O ARCO-ÍRIS	19
CHAMAS	21
VOU-ME EMBORA...	22
ACORDO COM DESACORDO	24
SILÊNCIO	28

PROSA

UM CANTO TRISTE	30
PASSAGENS	31
ATRÁS DO SONHO	32
AROMAS DE RECORDAÇÕES	33
RECORDAÇÕES	34
A VELHA TIANA	35
MOMENTO PERDIDO	36
CARTA ÀS TRÊS GRANDES AMIGAS	37
O CANTOR DO ÔNIBUS	38
AS SONHADAS FÉRIAS	39
OLHOS SONSOS, MAS AGUDOS (variação do conto “A Cartomante” – Machado de Assis)	40
O REVERSO DA MEDALHA (variação de “Um Apólogo” – Machado de Assis)	41
AMOR, SABEDORIA DE VIDA...	42
PERSONALIDADES ESTRANHAS	43
AFINAL, O QUE É ESCREVER?	45
TEMORES E INSEGURANÇAS	47
UMA REFLEXÃO SOBRE O COTIDIANO	49
PASSEIO CULTURAL AO MUSEU DA CASA BRASILEIRA	50

A decorative border of black maple leaves runs along the top and left edges of the page. The leaves are arranged in a repeating pattern, with some overlapping.

POEMAS

GRATIDÃO

Não se queixe por não ter um **amor**,
lembre-se de que é dando que se recebe;
Não se queixe por não ser **bela**,
lembre-se de que a beleza é algo interior;
Não se queixe por não ser **corajosa**,
lembre-se de que é a falta de fé que a torna medrosa;
Não se queixe por não tomar **decisões**,
lembre-se de que a insegurança nasce da falta de objetivos em sua vida;
Não se queixe das **emboscadas** dos caminhos,
lembre-se de que houve sinais para evitá-las;
Não se queixe dos **familiares**,
lembre-se de que são resgates e, além disso, ainda estão ao seu redor;
Não se queixe dos que não lhe foram **gratos**,
lembre-se de que tudo que é dado de coração não exige retorno;
Não se queixe da falta de **honestidade**,
lembre-se de que fazendo a sua parte coopera para a melhoria do todo;
Não se queixe de sua **infelicidade**,
lembre-se de que a felicidade é fazer feliz o outro;
Não se queixe do **já** passado,
lembre-se de que águas passadas não movem moinho;
Não se queixe da falta de **liberdade**,
lembre-se de que a liberdade é fazer o que quer sem prejudicar o outro;
Não se queixe de suas **mágoas**,
lembre-se de que ao perdoar, ao compreender aquele que o machucou, tudo ficará melhor;
Não se queixe de que **nada** dá certo em sua vida,
lembre-se de que talvez tenha seguido rumos incertos;

Não se queixe de sua oração sem efeito algum,
lembre-se de que seus pedidos, quem sabe, foram egoístas ou
impossíveis;
Não se queixe de que ninguém lhe perdoa;
lembre-se de que possa ser você que tenha errado;
Não se queixe de não ser querida por alguém a quem ama muito,
lembre-se de que amor não é posse, mas doação;
Não se queixe por não ter realizado seus sonhos,
lembre-se de que possa ser você que desistiu de lutar por eles;
Não se queixe de sua solidão,
lembre-se de que é na quietude que encontramos o Divino Ser
que há em nós;
Não se queixe de não encontrar a ternura,
lembre-se de que ela tem que partir de você;
Não se queixe de não haver união,
lembre-se de que antes deve haver compreensão;
Não se queixe de sua triste vida,
lembre-se de que a do outro possa ser pior do que a sua, no
entanto está sempre a sorrir....

Assim, nem todo alfabeto daria para as nossas
eternas lamúrias....

Neste momento, vamos agradecer ao céu
pelo que nos encoraja,
perdoa,
apóia.

A SOMBRA DOS CAMINHOS

Lá estou eu, a caminho de Itanhaém,
Dia chuvoso na capital e na estrada.
No meio de neblina intensa,
Afloram poeiras do passado.
Ao meu lado, não mais o companheiro de tantos anos:
Sua fala, suas observações, seus comentários,
O som de seus CDs, o rádio com as notícias diárias,
Tudo se apagou.
Que coisa!
Estou indo, confesso, sem coragem,
Para transferir sua tão amada casinha
Para meu nome.
Percorrendo a cidade, rumo à Prefeitura,
Em cada canto, ou recanto, você está lá.
Seu jeito apressado, sua disposição,
Seu gosto por deliciosos petiscos,
Seus sorvetes incrementados,
Sua constante preocupação:
Oferecer um mimo a cada um dos familiares...
Gostava da vida, de coisas boas, alegres.
Que pena! Partiu tão cedo!
Penetro a casinha, situada na Praia dos Sonhos.
Tenho cuidado dela, com todo zelo,
Era um pedaço de sua família.
Fazia tempo que não a via...
Desde a última passagem de ano,
Em que ofertou à Iemanjá as derradeiras flores...

Ao entrar, sua presença aponta:

Tirando as malas, acendendo a eletricidade,

Colocando o garrafão de água, ligando a TV,

Ajeitando os colchões, desfazendo a mala...

Tudo rapidamente, até sentar-se, um instante,

Para tomar fôlego e, em seguida, chamar a todos:

“Vamos, caso ao contrário, não acharemos mais almoço em
restaurante algum!!”

E lá íamos nós, diga-se de passagem, em fila indiana,

Ele, na frente, comandando a tropa...

Além da praia, onde se sentava, como um paxá,

Debaixo do velho guarda-sol, havia os passeios, as compras no

Saito e os famosos salgadinhos, de preferência, bolinho de

bacalhau....Mas nunca deixava de tirar suas sonequinhas....

Tudo sumiu...Nada mais existe....

A não ser a sombra do caminho,

Onde revejo suas pegadas.

MINHA MÃE

Entro na sala do apartamento,
Olho o sofá, finalmente recoberto de veludo cor de vinho,
Observo os móveis antigos, com os delicados enfeites,
E os quadros de pintores famosos, decorando as paredes.
Penetro pelo estreito corredor,
Revejo a escrivaninha, em que compenetradas, ela e eu
Relíamos os textos, observando o conteúdo,
Ou tentando encontrar o termo e a rima mais adequada.
As horas corriam rápidas, teria que ir.
“Você não vai embora, sem antes tomar um chá.
Além disso, tenho pedaços de torta e bolachas
Para levar para os meninos...”
“Mãe, trouxe-lhe uns textos para que me dê sua opinião.”
E lá vinha um elogio, lá vinha a motivação...
Pela manhã, bem cedinho, tocava o telefone.
Era ela, dando-me aquele bom-dia tão carinhoso.
Meu coração chora de saudades.
E retorno a todas as ocasiões em que havia sua presença: os
lanches da escola, embalados em alvos guardanapos, os
vestidos escolhidos para todas as festividades-aniversários,
casamentos, formaturas, viagens- os conselhos, os cuidados, os
zelos, a companhia, o apoio, o consolo, nos momentos difíceis,
com palavras sábias, que me encorajavam a continuar.
Fora as ajudas financeiras, jamais reveladas, nem cobradas.
Nunca a vi chorosa, nem se queixando de dores da alma e
físicas. Sempre um sorriso, sempre olhos brilhantes, cheios de
vida.
Organizada e não desejando dar trabalho a ninguém, deixou tudo
preparado para a última viagem.
Felizes os que puderam conviver com uma pessoa tão
encantadora como ela.
E, para todos nós, ficaram não só as lembranças,
Como sua presença terna, em todos os momentos de
nossa vida.

MÁGICA DE UM PENSAMENTO

Hoje é meu dia,
Dia de meu aniversário.
Mais um ano de vida,
De luta, de experiências.
Vejam só que ironia,
Ciladas dos caminhos,
Que nem sempre são de flores,
Quase sempre de pedras e espinhos.
Estou num ambulatório,
Ao lado de alguém querido,
Que passa difícil momento,
Talvez, próprio do crescimento.
Agora, adolescência,
Fase de descobertas,
Cheia de várias arestas,
Umas curvas, outras retas.
Os olhos tento fechar,
E me ponho a imaginar
Um cenário diferente:
Lá está ele, do jeito que sempre foi,
Com cabelos encaracolados,
Sua guitarra tocando
E platéia encantando,
Com famosas melodias,
Do gosto da mocidade,
E, também, de qualquer idade,
Num ritmo contagiante,
Um tanto extravagante,
E, no final, declarando,
Ao Chico parafraseando:
“Agora eu sou o rei
E, pela minha lei,
Devemos ser feliz.
Pois tristeza não condiz
Com gente de meu país.”

E AGORA, MARIA?

Maria!

A infância passou,
Com seus brinquedos, suas quimeras,
Seu quarto encantado,
Com bonecas falantes
E quadros de ursinhos,
De cachorros, de palhaços,
De seu anjo-da-guarda...
Com o colo aconchegante
De pais, ou entes queridos.
Com as cantigas de ninar,
Com os mágicos contos
De princesas, bruxas, dragões.

Maria!

A juventude se foi...
Com seus sonhos românticos,
Bailinhos estonteantes,
Paixões delirantes,
Seu grupo de amizade,
Os temores de provas,
Seus vestidos rodados,
Formaturas e festa de quinze anos.

Maria!

E veio o casamento
Com o companheiro escolhido,
Eleito no coração,
Pra ser seu sempre amado.
O lar se construiu,
Com quatro anjinhos do céu,
A casa se enfeitou!
Festas de aniversários:
Bexigas, brigadeiros,
Salgados, sanduíches
E bolo de chocolate...

Maria!

Com a chave na mão,
Abriu sua história de vida,
Os caminhos escolheu
E por eles percorreu.
Nem sempre tudo alcançou,
Mas com forças sempre lutou
Para tudo realizar,
Apesar de muito deslizar...

E agora, Maria?
Os queridos partiram,
Sua missão já cumpriram.
Os pequenos cresceram
E novos caminhos abriram.
Tudo acabou,
Tudo sumiu....

Mas você é forte, Maria!
Ainda canta,
Ainda dança,
Espalha sorrisos
E palavras carinhosas.
Você anda, Maria!
Para onde?
Você sabe, Maria!

POESIA É INFÂNCIA

“Mariquinha das chinelas
Desça já dessa janela
Você logo vai cair
E assim deixar de sorrir...”

Ainda guardo, no fundinho,
Aquele mundo encantado,
Que foi por mim criado.
Era Maricota Pirlimpimpim,
Que andava com Branca de Neve,
Implicante e brava com o emburrado Zangão,
Pois este só sabia brigar
E à Cinderela irritar,
Escondendo seu sapatinho,
Tão brilhante e branquinho.
E lá vem Chapeuzinho Vermelho
De braço dado com Peter Pan,
Atrás vem Aladim, com sua famosa lâmpada,
Fazendo estripulias e mágicas de assombrar.
Todos vamos passear no Sítio do Pica-Pau-Amarelo,
Para Dona Benta encontrar,
Vovó de todos que não têm.
E dar risadas, sem fim,
De Emília, boneca falante,
Inteligente e galante.

Maricota Pirlimpimpim,
Seus olhos sonhadores
Procuram a cidade perdida
De sua infância já ida.

Onde estão os amigos invisíveis?
Perdidos no horizonte?
Ou num canto da memória?
Vestígios são guardados
E serão sempre lembrados.
Lenços brancos são despedidas
Da criança que já foi,
Mas perfumes ainda restam,
Pra infância transportar
E a todos alegrar,
E as lágrimas apagar.

“Mariquinha das chinelas,
Abra logo as janelas.
Esqueça as perdas e idas,
Seus olhos gastos podem ver
A infância renascer,
No poema em que escrever...”

VENTINHO E AMARELINHA

Lá estava ele, sentado à beira-mar.
Cantava a canção dos Ventos:
 “Venta, ventania,
 Voa em ventarola,
 Com sua ventoinha,
 Sobre em vento alisado,
 Vento de baixo, vento de rajadas,
Vento repiquetes, vento de travessia,
 Vento feito, vento real,
 E, com seus ventos travados,
 Beba os ventos, cheio de vento.”

Eis que surge pelo céu
Uma pipa amarelinha, chorosa, tristonha,
 Voando de léu-em-léu,
 Em busca de Ventinho:
 “Sou mesmo cabeça de vento,
 Quis voar sem ventania,
 Sobre, sobre, amiguinho,
Pra que eu vá de vento em popa,
 Passear aos quatro ventos.”

 “Ora, ora, Amarelinha,
É estação de vento escasso,
 Espere o vento solar,
 Pra energia lhe dar
 E à casa retornar...
Esqueça de aventuras,
Pois só lhe trarão agruras...”
 E lá foi Amarelinha,
 sonhando, rodopiando...

A MENINA E O ARCO-ÍRIS

Lá está nossa menina,
Na vidraça encostada.
Conta as gotas da chuvarada,
Que cobrem sua cidade
E encobrem toda montanha.
Quanta chuva! Quanta água!
Dias e dias sem parar
E já deu para cansar,
Sem sair e sem brincar.

Santa Clara, Santa Clara,
Ponha um sol para brilhar,
Para as casas enxugar
E as montanhas verdejar.

Não é que de tanto implorar,
Um milagre aconteceu,
Pois no céu apareceu
Um arco colorido,
Com sete cores bordado,
Por sete fadinhas puxado.

Venha, venha, garotinha,
Para perto das fadinhas.
Vamos, vamos, todas unidas,
Espalhar por esse mundo
O doce sabor do amor.

Mas primeiro deve aprender
O que cada cor quer dizer:
O branco é como um anjinho,
Está sempre muito limpinho,
Para enfeitar a natureza,
Com toda sua pureza.

O amarelo é como campos de milho
E, com raios de sol, reflete
Uma enorme quantidade
De carinho e amizade.
O vermelho é todo coração,
É todo amor e emoção,
É sensível e sentimental,
Frágil como um cristal.

O azul é muito tranquilo,
Paciência e calma quer dar,
Pra ninguém jamais reclamar.

O verde vive a pintar
As paredes dos doentinhos,
Para a saúde trazer
E ninguém mais sofrer.

O laranja ajuda o amarelo
E, com seus cantos de alegria,
Põe os olhos a brilhar
E as lágrimas a secar.

O rosa anda com o vermelho
Com flores a ofertar
E a todos perfumar.

Cante, cante, ó minha menina,
Nossa eterna e terna canção:
"Se a Terra, se a Terra,
Fosse minha,
Eu mandava, eu mandava enfeitar,
Com pedrinhas, com pedrinhas coloridas,
Para todos só amor sempre espalhar."

CHAMAS

Labaredas nas casas,
Pessoas assustadas correm,
Barulho de sirenes,
Bombeiros com enormes mangueiras,
Pouco a pouco, só restam fagulhas,
Em pedaços enegrecidos...
Chamas em pessoas,
Chamas em sentimentos.
Chamas ardem tristezas,
Ressecam os caminhos,
Queimam lembranças,
Chamuscam saudades.
Consumem o que foi e não é,
Abrasam afetos, desafetos,
Murcham desejos,
Lançam fumaças nos olhares,
Crestam as mãos cansadas.
Chamas,
Chamejam,
Chamuscam...

VOU-ME EMBORA...

Vou-me embora pra Bahia...
Quem sabe lá ache a alegria
E, talvez, felicidade,
Pois estou cansada desta cidade.

Lá, praias lindas encontrarei,
com suas palmeiras cantantes,
areias sempre ofuscantes,
repletas dos raios do astro-rei.

Meu olhar ficará encantado,
vendo morenas brejeiras,
nos seus requebros faceiros,
com saias de chita enfeitados,
e, nos seus negros cabelos, trazendo,
entre ondas de seus cacheados,
pequenas flores cheirosas,
com perfumes exalando.

E quando estiver triste,
Triste, triste de doer,
com o coração magoado
e o peito apertado,
Iemanjá, rainha do mar,
Virá entre as ondas a cantar
Para as lágrimas enxugar.

Vou-me embora pra Bahia,
Lá, pescadores são meus companheiros
e, também, os jangadeiros,
que mostram nos seus falares,
o quanto são sonhadores...

E vivem sempre a contar
Causos pra nos encantar.
Vou-me embora pra Bahia,
Lá quero esquecer
esta terra de enlouquecer.
Gravata, camisa não vou usar,
nem carro mais guiar,
apenas um calção surrado,
um boné amassado.
Sapatos não quero ter,
nas areias vou deslizar,
sentindo sua quentura
e, também, sua doçura.

E à beira-mar vou sentar
E a natureza apreciar,
Depois, com a brisa gostosa
e olhos bem fechados,
farei ternas meditações
e muitas, muitas orações,
pro Alto abençoar,
esta Terra tão florida,
com pessoas tão queridas...

ACORDO COM DESACORDO

Boa-noite, meus amigos,
Cá estou eu novamente,
Nesta noite tropical,
Com céu cheio de estrelas,
Com lua a brilhar,
E aos namorados convidar
Pra murmúrios de carinhos,
Repletos de abraços e beijinhos.
Comecei minha cantoria,
Com ambiente romântico,
Pra entrar na minha mensagem,
Que se diga de passagem,
É coisa séria, com muita reflexão,
Por isso prestem atenção:
Imaginem que, outro dia,
Vi escrito, num jornal
Famoso da capital,
Várias palavras, que mal me lembrem,
Aprendi a duras penas,
Com a brava professora Orminda,
Escritas de outra forma,
Sem acento, que esquisito!
Eram elas: voo, veem, pera,
Tranquilo, para-brisa, jiboia...
Ainda tá na minha cabeça,
Ela brigando comigo:
Veja, menino levado,
Preguiçoso, desatencioso,
Você tem dois olhos:
Veem é com dois “es”
E chapeuzinho no “e”.
Voo com dois “os”
E chapeuzinho no “o”,
Senão o passarinho
Não tem asa pra voar.

Tranquilo tem dois pinguinhos,
Bem em cima do uzinho,
Caso contrário não terá paz
E não será um sábio rapaz.
Encasquetei, como o mineiro diz,
E lá fui eu pesquisar.
Vocês não vão acreditar
O que lhes vou contar.
Alguns países um acordo fizeram
Para iguais escrever e falar
A nossa língua portuguesa,
Que já é cheia de sutileza...
Foram eles: Portugal,
Com suas antigas colônias,
Brasil, Angola, Cabo Verde,
Guiné- Bissau, Moçambique,
São Tomé e Príncipe e
O longínquo Timor Leste,
Perto da Oceania.
Ora, ora, meus amigos,
Quase todos, muito pobres são,
Sinceramente, quase sem um tostão.
Ficam na costa da grande África,
A caminho das Índias,
Por onde navegavam os portugueses,
Com suas caravelas,
Descobrimo novas terras,
Em busca de especiarias
E ricas quinquilharias.
Agora, pensem comigo,
Pra que acordo fazer?
Que além dos gastos a ter,
Pro povo que mal sabe ler,
Como também escrever.
Por aí, já cansei de ouvir:

Pra mim, como era e como fica,
Tanto faz, pois nem sabia
Que esse acento existia!
O hífen, aquele tracinho,
Só ficou, na minha cabeça,
Em algumas palavras compostas,
Como: couve-flor, bem-te-vi,
Pé-de-moleque, guarda-chuva
E guarda-noturno...
Já sei o que estão a pensar:
“Eta! Eta! que complicação,
Quanta, quanta esquentação.
Quero mais dinheiro ganhar,
Pra família sustentar,
e nunca arroz com feijão faltar.
Assim, acordos e acentos vamos deixar,
Pois há coisas urgentes a chamar...”
Mas ouçam este violeiro,
Com um jeito até brejeiro,
Que de tanto lutar,
Cair e levantar,
Pra poder continuar,
Ficou um tanto sabido
E até mesmo atrevido.
Dois caminhos há na vida,
Desta longa estrada só de ida:
Ou ser um cometa passante,
Com apenas um rastro ofuscante,
Que desaparece num instante,
Ou uma estrela luminosa,
Que permanece gloriosa,
Sempre a enfeitar, sempre a brilhar.
Pra isso, companheiros,
É preciso a língua aprender.

Saber ler e escrever,
Pra analfabeto não ficar,
E as palavras compreender
E muita coisa conhecer,
Nos livros do grande saber.
Mas pra tanto vamos estudar,
Além de trabalhar,
Pra ignorante não ficar
E doutor se tornar.
Este acordo, entre países irmãos,
Por que não? Vamos aprender!
Pra haver mais união,
E, quem sabe, uma melhor posição,
Neste nosso querido mundão.
Não existe preocupação,
Pra resolver essa questão,
Aos poucos, com atenção
E muita observação
Em tudo que for escrito,
O que mudou será gravado,
Em nossa memória guardada,
E pra sempre lembrado.

Agora, queridos amigos,
Chega, chega de reflexão
E até de meditação...
Parem, parem de sonhar
E, também, de imaginar
A estrela que vão se tornar...
Vamos o forró dançar
E as ideias refrescar.
Sigam a minha cantoria
E bailem com alegria,
Pois a noite é de luar,
Pra nossa gente encantar.

SILÊNCIO

(recordação das amigas Durva, Sonia e Violeta)

Só quem silencia, sintoniza seu coração em Deus,

Só quem se cala, ouve a verdade,

Só quem sofre, reconhece a felicidade,

Só quem ama o próximo, aproxima-se de Deus,

Só quem faz tudo com alegria, aproveita a vida,

Só quem abre o coração, acolhe o próximo...

Durva

Sonia

Violeta

PROSA

UM CANTO TRISTE

Tentava ocupar meus pensamentos: perdas, saudades, decepções...

Passear? Procurar amigas? Inventar algum trabalho para que as horas passassem? Fazer compras só para distrair-me, observando as pessoas?

Nada disso me atraía...sem vontade de nada.

Até que, alinhando meus livros, deparei-me com o CD, "Crônicas do Coração", de Bety Orsini, textos inspirados na cidade de Niterói: unia a cidade ao mundo, o particular ao universal. Imaginava uma cidade fictícia, pois tecia o sonho à realidade.

Chamou-me atenção um dos títulos: "A luz que nos protege". Admirava a beleza da luz que se espalhava no céu de sua cidade, quando surgiu um amigo pintor, que abrindo sua caixinha de pincéis e tintas, retratou-a em seu quadro. Nesse momento, lembrou-se dos vários pintores, que tentaram descrever em seus desenhos o indizível.

Suas palavras me transportaram a um desses instantes fugazes, mas inesquecíveis.

Férias... Estava com a família em Caxambu. Cidade famosa por suas águas minerais, cujas fontes estavam localizadas num sombreado parque. Sozinha, passeava, ao cair da tarde, embalada pela melodia das águas. Sentei-me em um banco rústico e observava a calmaria das pequenas ondas de um lago, que já refletiam os raios prateados do luar. Que tranquilidade! Que paz! O mundo poderia ser todo assim...Ali, fiquei parada por horas.

Retornei ao presente, saudade do ontem, todos juntos...

*"Um canto triste brotou,
melodia do que ficou,
a lembrança de um passado
de um momento sonhado."*

PASSAGENS

Final de dia...Descia vagarosamente a escada. Em cada degrau, relembrava do já cumprido da pauta do dia. Distraidamente, meu olhar pousava nas fotografias, dependuradas na parede, momentos da infância de meus filhos.

De repente, parei diante de uma delas: comemoração de um Natal, na casa de meus pais. Ali, estavam todos os familiares reunidos: meus pais, tios, que vieram de Minas, primos, meus irmãos, cunhadas, sobrinhos, meu marido e eu, juntamente com nossos quatro filhos, ainda pequenos. Recordei-me que, na época, morava em Campinas.

A alegria dominava o grupo. Todos riam e parece que brincavam um com o outro, protegidos pelo sombreado das árvores, que circundavam o jardim. Ao fundo, via-se o delicioso alpendre, ornado pelas samambaias de metro, “ai dodói de papai!”.

Tantos anos transcorreram desde então. No entanto, o ontem ainda está presente no hoje.

“As crianças cresceram...os adultos se foram...”

As árvores caíram....as samambaias secaram.

A alegria tornou-se tristeza.

A brincadeira apagou-se.

Lembranças nas saudades.

Passagens passadas dos passageiros da vida...”

ATRÁS DO SONHO

Passagem comprada, malas prontas, pensionato para estudantes e o maravilhoso curso de aperfeiçoamento, em música, no exterior. Tudo custeado pela bolsa de estudos, que ganhara no concurso tão disputado entre jovens musicistas talentosos.

Assim foi ela, com a cabecinha repleta de sonhos, de coisas que imaginava há tanto tempo, desde menininha, quando começou a deslizar os dedos no piano... Depois, ganhou a flauta da tia, daí para diante, todos os instrumentos a encantavam, tornou-se uma orquestra ambulante. Com dificuldade e muito esforço, cursou o primário, o secundário e, finalmente, o tão almejado “Curso Superior de Música”.

Agora, lá está ela, subindo no avião, rumo à França, para ter aulas com grandes e renomados professores. Como sempre diz, lá dão valor à música. Conhecem os clássicos e, em todos os lares, tocam instrumentos e cantam canções famosas e cultivam as folclóricas.

Penso e desejo que, nessas férias, não seja o fim de um encanto, mas o início de um caminho repleto de alegrias.

AROMAS DE RECORDAÇÕES

Andava pela Paulista, retornando para casa. Voltava do apartamento de mamãe. Carregada de pacotes com doces, torta, sequilhos, revistas literárias, tudo que me dera carinhosamente.

De repente, uma jovem, que caminhava apressadamente à minha frente, deixou deslizar um embrulho de sua sacola.

Ao cair, o pacote, envolvido numa folha de jornal velho, abriu-se.

“Que surpresa!”

Era uma caixinha florida, repleta de papéis escritos, ligeiramente perfumados, cuja fragrância suave impregnava aquele local.

Com todo cuidado, juntei as folhas, guardei-as, embrulhando tudo com o amarelecido jornal, e apressei-me em devolver à moça o objeto perdido.

Agradecida, olhou-me longamente com um olhar lacrimojoso, como se quisesse revelar sua tristeza.

Dei-lhe um longo abraço e pedi-lhe para ficar com o jornal.

“Por quê?- perguntou ela.”

“Apenas uma recordação de alguém que passava por um momento já vivido por mim.”

Continuamos nossos caminhos...

*“Ilusões, desilusões,
Sonhos apagados,
Letras esfumaçadas,
Aromas envolvendo
recordações...”*

RECORDAÇÕES

*“Café preto que nem a preta velha,
Café gostoso, café bom...”*

Andava pela cidade, em meio a um burburinho de passantes apressados, movimento de ônibus, motoqueiros, sons estridentes e nervosos de buzinas, quando escutei uma voz vinda de um dos cantos de uma esquina, oferecendo aquele café, acompanhado de deliciosas broinhas de fubá.

Pensava aqui comigo: “Será que venderá sua apetitosa bebida, no meio de tantas lanchonetes e cafés famosos?”

Aproximei-me, pedi-lhe uma xicrinha. Que delícia!

O paladar saboroso transportou-me à saudosa fazenda, “Santa Jacinta”: os quitutes de mamãe, além de sequilhos, queijos, requeijão, manteiga, doces caseiros: de goiaba, abóbora, banana e o inesquecível doce de cidra, isto, sem falar, nos pães caseiros e assados, divinos...tudo feito no fogão de lenha. Quanto ao café, os frutos eram torrados e moídos, e, para fazê-lo, usavam enormes coadores de pano, tudo primitivo, tudo natural.

Enquanto isso, papai percorria com seu cavalo as plantações e, no final do dia, acendia os lampiões, embalado pelas melodias de algum violeiro.

De repente, alguém me chamou:

“-Fia, quer mais café da preta véia? Tá um tempão aí parada, oiando no vazio e com lágrimas brotando. Tá, mais uma broa de presente, pra espantá as lembrança e as sodeade...”

E lá fui eu, seguindo os caminhos da vida, com o coração apertado pelo já ido, cantarolando baixinho: *“café preto, café gostoso, café bom...”*

A VELHA TIANA

Era uma vez....Fecho os olhos e me transporto a um lugar sombreado pelas enormes mangueiras, sentada no meio de muitas crianças, talvez, para o parque da cidadezinha mineira, onde passei a minha infância.

Lá estava ela, a velha Tiana. Com seus cabelos brancos, muito magra, vestindo suas saias estampadas, com sua sacola repleta de livros, balas, pedaços de bolo de chocolate, embrulhados em guardanapos de papel.

Cada um que se aproximasse dela, com suas mãos suaves, fazia uma carícia. Seus olhos transmitiam bondade. Era a vovó que todos gostariam de ter.

Agora, o que mais me deslumbrava: sabia contar histórias como ninguém. O mundo encantado surgia com príncipes, princesas, dragões, castelos...Mas a história de que mais gostava era da formiguinha, que ficou com seu pezinho preso na neve, implorando a todos para ajudá-la. Também, aprendi com ela não ter medo das tempestades cheias de raios e trovões, pois, como dizia, era São Pedro que mandava os anjos lavar o chão do céu, para limpar a poeira levada pelas pessoas da Terra.

Quando terminava de contar, cantarolava uma cantiga e distribuía as balas e as deliciosas fatias de bolo.

De repente, não voltou mais...Talvez, estivesse, numa nuvenzinha, contando, para todos lá do alto, suas histórias maravilhosas...

Quem sabe, numa gotinha de chuva, mande algum recado a alguém que não saiba mais sonhar, que deixou apagar a infância, a criança que foi.

MOMENTO PERDIDO

Sábado. Dia mais agitado na rotina familiar. Todos em casa, no justo descanso semanal.

Corria daqui e dali, tentando agradar a cada um nos seus dengos.

Na verdade, gostaria de estar longe, sozinha, com meus livros, em algum lugar tranquilo, sem os inúmeros deveres domésticos.

Tocou o telefone. Meu filho lembrando-me da reunião de escritores do "Movimento Poético Nacional". Era seu desejo que fosse para distrair meus pensamentos.

Tanto insistiu que acabei indo, a contragosto, diga-se de passagem, sempre apreensiva com minhas eternas responsabilidades.

No trajeto, observava as pessoas passeando. Aproveitavam aquela tarde azul de maio, esquecendo o peso das obrigações ao abrir um espaço para lazer.

Chegamos ao local, uma casa aconchegante do bairro Mirandópolis. Que gente maravilhosa...apesar da idade avançada, mostravam seus dons artísticos em suas poesias e cantos.

Relembaram momentos deliciosos de minha vida, quando ainda sonhava. E lá vieram as melodias inesquecíveis, "Eu sei que vou te amar...", "Suave é a noite", sucesso de Moacyr Franco, e uma divina cantora lírica, soprano, interpretando "Primavera", uma das quatro estações de Vivaldi, além do tango, "La noche em que me quieres..." que me fez recordar um sucesso do cinema, "Perfume", com o magistral ator El Pacino.

Não sentia as horas passarem, nem pensava nos inúmeros problemas, que me cercavam nesta fase da vida. Esqueci-me de tudo, flutuava com os artistas.

De repente, olhei o relógio, quase cinco horas, tinha que voltar. Mas pra quê? Para a tristeza, para situações que jamais resolveria? Por que não ficar? E lá vinham minhas indecisões...Até que resolvi regressar, ou melhor, encarar minhas responsabilidades, largando para trás coisas que me agradavam:

*"Mais uma vez
O sonho se desfez.
Busquei a realidade,
Deixei a felicidade.*

CARTA ÀS TRÊS GRANDES AMIGAS

Hoje é “Dia das Amigas”. E como diz a propaganda: “amiga é para se guardar do lado esquerdo do peito, bem perto do coração”. Por isso quero desejar a vocês três, Durva, Sonia e Violeta, felicidades e tudo mais que desejarem na vida.

Preocupada em presentear-lhes, andei folheando jornais, revistas, encartes de publicidade, além de olhar vitrines, para dar-lhes alguma coisa do gosto de cada uma.

Para Durva, vasculhei, por todo canto, um robô que fizesse todos os serviços domésticos e pudesse também dar aulas de reforço aos filhos e agradar ao marido, quando chegasse nervoso do serviço. Infelizmente, tal peça, ainda incompleta, só existia nos Estados Unidos e, quanto ao preço, um tanto salgado.

Para Sonia, procurei uma biblioteca completa, com autores variados, e mais alguns cachorros, iguais ao seu xodozinho, mas, que tristeza, o que tinha não dava nem para começo de conversa.

Para Violeta, li todos os guias de excursões, sobretudo os que falavam sobre uma volta ao mundo em oitenta dias. Realmente, fiquei frustrada, minhas economias mal davam para ligar para uma companhia de turismo.

Pensando bem, resolvi fazer um passeio cultural com vocês, talvez, no Jardim Botânico, e oferecer-lhes, em alguma lanchonete, um delicioso café da tarde, acompanhado de salgadinhos e bolos. Assim, até eu, poderia participar desse dia tão especial.

Mas, antes de encerrar essa carta, gostaria de dizer-lhes alguma coisa de coração: amizade é muito mais que presentes, é um sorriso, um abraço carinhoso, uma palavra carinhosa, um ombro amigo, apoio, nos momentos difíceis, e, principalmente, afinidade.

Nada vou ofertar-lhes, apenas essa rosa, desejando que consigam tudo com que sonham. Lutem e não desistam daquilo que almejam e saibam enfrentar as pedras dos caminhos com coragem.

Ainda, mais uma palavrinha, contem com uma amizade, nos momentos de desesperança...

Um beijo bem beijado e carinhosão
da amiga de sempre,
Bia

O CANTOR DO ÔNIBUS

Até que enfim cheguei a Itanhaém. Fim de semana, estrada cheia, além de muita neblina no alto da serra. Precisava chegar a tempo para fazer alguns pagamentos da casinha da praia, na cidade, mas primeiro passaria por lá, não só para verificar se tudo estava em ordem, como também para matar as saudades de momentos deliciosos de férias passadas.

Uma vez na rodoviária, deveria pegar o ônibus, que, conforme me explicaram, iria por Belas Artes, seguindo pela Praia dos Sonhos e virando no Farol, onde desceria.

E lá fui eu, ônibus lotado, mas ainda havia lugares vazios no fundo. Com a cabeça cheia de recordações, procurava distrair-me observando a praia, com as ondas batendo na areia alva, ou arrebatando nos rochedos.

Subitamente, voltei à realidade. Um rapaz magro, moreninho, sentado mais à frente, cantarolava baixinho, enquanto seu olhar se perdia seguindo o caminho da extensa praia de areia, repleta de guarda-sóis e barraquinhas de guloseimas do mar.

De repente, a voz se expandiu e entoou com emoção: “eu sei que vou te amar, pra toda minha vida eu vou te amar e se mil vezes você me deixar e voltar, eu aceito...”. Não só eu, mas todos os passageiros esticavam ou viravam o pescoço para ver de onde brotavam essas juras de amor.

E, assim, por todo trajeto, o cantor continuava a exalar o seu cancionero de falas de amor, de promessas cálidas, de esperanças. Mostrava-se indiferente à curiosidade e reação dos companheiros ao redor.

Mas, num determinado momento, calou-se...e o silêncio apagou o instante prazeroso que falava de noites enluaradas e ternuras sem fim.

Cheguei ao ponto da descida...Ora, não é que ele desceu também. Tive vontade de tocar-lhe o braço e dizer-lhe de coração: “Obrigada, meu amigo, sua melodia trouxe-me um recado de alegria, fazendo-me esquecer as tristezas da vida...”

AS SONHADAS FÉRIAS

Finalmente, chegaram as esperadas férias de dezembro. Sem dúvida, a turma brilhou, pois a última série do ensino fundamental exigia muito estudo, era um preparatório para o ensino médio, sendo o passo seguinte a definição da carreira a seguir. Usando o vocabulário da meninada, as provas foram uma barra, se você estivesse por fora, ou desligado, durante as aulas, certamente entraria pelo cano.

Como coordenador da escola, observava os grupinhos reunidos no pátio, na hora do intervalo. Enquanto saboreavam o delicioso cachorro-quente da cantina, alguns conversavam num idioma que era só deles:

Sacou, Isabel, não quero nada com o Joca, é um perfeito goiaba, podes crer! Além disso, é um bicho grilo, veste-se mal pra caramba, e, ainda por cima, acha que está abafando. Foi uma boa dar no pé.

-Falou e disse, Mariana...Ele, realmente, é careta demais.

Um pouco mais adiante, outra turminha:

-Tô ki tô, Zeca! O velho aumentou a minha mesada. Agora, além de pagar o cinema pra minha gatinha, Lu, posso oferecer-lhe, também, o divino sorvete da Mimi.

-Pôxa! Que legal! Você está com tudo, cara. Será que não sobra uma vaguinha pra mim, de preferência a Lu...

Por dentro sorria...Que delícia a juventude. Quanta alegria, ao mesmo tempo que resolviam complicados problemas de matemática, ou desenvolviam temas difíceis de história, de português e de outras disciplinas, sabiam rir, sonhar, nada de preocupações. Pra que esquentar a cabeça? O caminho a percorrer estava apenas iniciando, se tropeçassem, caíssem, haveria, ainda, inúmeras oportunidades para seguirem e desviarem a rota.

Pena, que naquela idade, não sabíamos disso...

*“Passa, passa, a vida
que leva embora a quimera.
É um caminho de ida
do tempo que apenas era. “*

OLHOS SONSOS, MAS AGUDOS...

(variação do conto "A Cartomante" – Machado de Assis)

Tudo conforme o previsto pelas cartas: a rua atravancada pela carroça caída; o tálburi parado, impedido de continuar o trajeto; o olhar do enamorado para a minha janela; a voz da mãe, repetindo-lhe vários casos extraordinários, Vilela, sussurrando-lhe as palavras do bilhete : "Vem, já, já, à nossa casa, preciso falar-te sem demora". Enfim, a curiosidade de saber o futuro... Lá vem ele, sobe, inseguro, os degraus comidos dos pés, agarrando-se ao corrimão pegajoso.

Rita já se foi, agora é a vez dele, pobre Camilo... A mágoa, o rancor de Vilela, marido traído pela amada e pelo melhor amigo, exigem vingança.

Caso perdido, o destino não falha. Já que será assim, vamos aliviar um pouco esta miséria. Ambos são ricos e alguns réis não lhe farão falta.

-O que o traz aqui? L'amore? As cartas dizem que está um tanto assustado pelo chamado urgente de alguém.

Quer saber o motivo desse encontro? Se algo sucederá a sua amada?

-Sim, sim, senhora!

-Um momento, vou verificar nas cartas. Oh! as cartas dizem-me que não tenha medo de nada, para seu regalo o marido tudo ignora, mas tenha muita cautela, fervem invejas e despeito. Vejo muito amor entre a bela donzela e o senhor. Vá, vá, ragazzo innamorato!

Quer saber o preço da consulta? Sua felicidade... Aceite um pouco das passas.

-Com tanta notícia boa, gostaria de agradecer-lhe de alguma forma, talvez, dez mil réis deem para comprar muitos cachos de passa.

Adeus, senhora, alegrou-me e tranquilizou-me.

-Vá, vá, ragazzo. Mal sabe ele o que acontecerá...

Ficarão juntos para sempre, no seu adultério, na eternidade. A vingança é maior que o amor. Como diz Hamlet: "há mais coisas no céu e na Terra do que sonha a nossa filosofia".

O REVERSO DA MEDALHA

(variação de “Um Apólogo” – Machado de Assis)

Li e reli, várias vezes, em minha vida, Um Apólogo, de Machado de Assis. O final do conto sempre me deixava pensativa. Ora os dizeres de um alfinete de cabeça grande, murmurando à pobre agulha: “-Anda, aprende tola. Cansas-te em abrir caminho para a linha e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.” Ora o comentário de um professor de melancolia ao narrador: “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”

Hoje, por acaso, contrariando essa lição de sabedoria, tão melancólica, para não dizer pessimista, os caminhos da vida apresentaram-me dois exemplos-entre tantos outros- de luta para encaminhar a família, que, diga-se de passagem, valeu a pena.

Um, que quase criança, apenas com onze anos, abraçou o trabalho, com o qual não só ajudava os pais, como custeava seus estudos. Assim, conseguiu crescer, formando-se em Direito, galgando, rapidamente, a carreira jurídica e universitária. Casado, tudo fez para proporcionar o bem-estar de seus familiares.

Outra, uma senhora estrangeira, que se instalando numa cidade praiana, com marido e filhos, tornou-se guardiã e faxineira de diversas casas de turistas. Enquanto o marido trabalhava como pedreiro, ela, falante e disposta, limpava e cuidava do que lhe entregaram. Formou seus seis filhos, adquiriu bens, enfim, tudo que planejou, conseguiu.

Aí, estão dois casos, entre inúmeros outros, de agulhas, que abriram caminhos para outros, e não foram rejeitadas, nem humilhadas. Muito pelo contrário, tornaram-se pessoas admiradas e serão, eternamente, lembradas por sua fibra, persistência, pelo pensamento sempre positivo de não só vencer, como também de ajudar e apoiar os que cercavam.

Talvez, no baile da vida, a linha orgulhosa diria à velha agulha: “Veja que maravilha você fez, graças a você, devo minha elegância e o prazer de desfilar no meio de ministros e diplomatas.”

AMOR, SABEDORIA DE VIDA...

Pensando em afetos e desafetos, a primeira coisa que me vem à mente é o amor.

Como é frágil e fugaz. Parece que quanto mais amamos, mais sofremos. Deliciosas lembranças são guardadas dos fracassos, das despedidas, dos desencontros: um abraço, as mãos entrelaçadas, o olhar nos olhos, as delicadas carícias.

Amor deveria ser sinônimo de transitoriedade, de instabilidade. Quantas vezes despetalamos margaridas e, no bem-me-quer, mal-me-quer, gostaríamos de encontrar uma resposta certa do destino.

Contudo os caminhos do coração não são para ser entendidos e achados, mas sim, sentidos.

Há uma sabedoria popular amarga: o segredo do amor é não amar. O mundo inteiro poderá amá-la e você não amar a ninguém. Observem não só as manchetes das revistas e jornais, como também o círculo que frequentam para comprovarem essa verdade: pessoas felizes, tendo a cada hora um novo parceiro, como se fosse o primeiro amor de sua vida.

Quem sabe, como já disse uma escritora, possa existir uma cidade imaginária, bem perto do céu, em que seja possível o amor ser possível...

PERSONALIDADES ESTRANHAS

Outro dia, estava lendo um conto policial de Márcia Kupstas, “Um hobby para Paulo”, pertencente ao livro juvenil, *Sete faces do Crime*. Trata-se de um garoto de quinze anos que “descobriu a sensação do ódio”. Os primeiros sintomas foram o espanto, a tontura, as palavras ecoando em seu cérebro, raiva, frustração e, finalmente, um ódio mortal.

Até essa idade, era um garoto “igual aos outros”: nos estudos, era discreto, um aluno médio; nos esportes, aprendia o necessário, sem muitos arrosos. Não tinha grande entusiasmo por nada. De repente, surgiu, em sua vida, o professor de história, Tadeu, ex-namorado de sua mãe, há vinte anos, dizendo-lhe que podia ser seu pai.

Aos poucos, a sensação de ódio foi crescendo em relação ao professor: “aquela boca mole, nojenta, como havia beijado sua mãe!”. Durante as aulas, fingia anotar a matéria e ficava rabiscando o caderno. Comparava as roupas do professor às do pai; quis antecipar as férias para que a mãe não fosse à reunião mensal para evitar o encontro com o professor. Depois, pôs, na cabeça, que, através da força da mente, poderia feri-lo à distância e, por fim, enganando aos pais ao dizer que faria um curso de computação, procurou uma curiosa que anunciava ser astróloga, parapsicóloga e professora de ocultismo. Frequentou seu curso, aliás barato, durante seis meses. Como era de esperar, nada funcionou. Assim, após uma série de peripécias, apoderou-se da arma e do carro do pai e dirigiu-se à casa do mestre a fim de matá-lo. Mas, qual não foi a surpresa! Duas viaturas estavam estacionadas e os policiais conversavam com o professor. Rapidamente, desceu do carro, empunhou a arma e, fazendo mira no peito de Tadeu, tentou atirar, contudo os policiais foram mais ágeis: enquanto um empurrava o professor, o outro atirou bem na cabeça do garoto.

Ao acabar de ler o conto, comecei a refletir: este fato é uma ficção, porém, quantos casos semelhantes, têm ocorrido na realidade. O caso do estudante universitário, no Shopping Morumbi; o da famosa Susana, o do renomado cirurgião-plástico, Hosmany, entre outros tantos, que acontecem pelo mundo inteiro. Geralmente, são pessoas pertencentes à classe média, ou média-alta, e apresentam características semelhantes à personagem do texto.

Constantemente, aparecem filmes que trabalham “por dentro” da mente criminosa, como, “O silêncio dos inocentes”, cuja policial se divide entre dois psicopatas: o psiquiatra assassino Hanibal e um outro, que mata e esfolia suas vítimas. E não poderíamos deixar de citar, no cinema, as películas dirigidas por Alfred Hitchcock.

Pergunto então: como trabalhar com tais personalidades? O que será que leva a florir esta mente criminosa? Será que este traço existe adormecido em cada um de nós? O que poderia conter essa violência interior?

AFINAL, O QUE É ESCREVER?

Ronald Claver, em seu livro, *Escrever sem doer*, faz uma série de questionamentos sobre “o que é escrever”:

-é atravessar o deserto da folha em branco montado num camelo invisível?

-cortar as palavras com as lâminas da razão e da sensibilidade?

-provocar um terremoto no coração da amada?

-rabiscar o coração com palavras tênues, demoníacas, absurdas, idiotas?

-começar um texto com uma letra maiúscula e terminá-lo com ponto final? E no meio deste texto colocar as idéias como quer Neruda?

-é dar asas às palavras?

-para dizer o não dito? conforme Octávio Paz.

-ou, como diz Eduardo Galeano, escrevemos para a pessoa com cuja sorte ou má sorte nos sentimos identificados.

-Fernando Sabino já diz: “não sei por que escrevo, esta é uma pergunta tão grave como se perguntassem: por que vive? por que ama? por que morre?”

-já Rubem Braga, em uma de suas crônicas, fala que seu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente chegasse a chorar e dissesse- “ai meu Deus, que história mais engraçada” e fosse contando para todos que a rodeassem. E se alguém o perguntasse: “mas de onde você tirou essa história?” ele responderia: “ela não é minha, eu a ouvi, por acaso, na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido e que, por sinal, começara assim:” ontem, ouvi um sujeito contar uma história...”

Bem, agora chegou a minha vez. Por que escrevo? A minha resposta seria tudo que foi falado acima. As palavras vão brotando do coração, do pensamento, das saudades do ido, das pessoas queridas, de algum fato colhido aqui e ali.

Ora escrevo para desabafar, ora para equilibrar-me, distrair-me. Só posso dizer que escrever me faz bem. Algumas pessoas se equilibram, ou se acalmam de outras maneiras: costuram, bordam, fazem tricô ou crochê, assistem aos programas de TV, cozinham, vão em shopping, leem, praticam esportes, fazem caminhada, falam sem parar no celular....

Na verdade, nem escritora sou, não escrevo para divulgar meus textos, eles falam e calam em mim.

E o que gostaria de escrever? Se fosse escrever para alguém, em primeiro lugar a colocaria pertinho de mim, e, depois, tentaria dizer-lhe coisas agradáveis, que a fizessem sorrir e a tornassem feliz. Talvez, fatos de sua vida, ou mesmo certos momentos inesquecíveis, entre os familiares, amigos, companheiros profissionais.

Muitas vezes, nas andanças por essa cidade, surgem assuntos sem fim: ora nos transportando ao passado, ora nos assustando, ou nos encantando. Tudo seria motivo para registrar. Não só isso, mas passeios, viagens, reuniões, encontros inesperados.

Pena não haver tempo para escrever cada observação, cada acontecimento e conversar com todas as pessoas que cruzam a nossa vida. Enfim,

*“Palavras são pensamentos,
encantamentos,
retalhos , remendos,
lembranças saudosas,
alegrias chorosas
dos encontros, desencontros
das vias percorridas,
das horas transcorridas.”*

TEMORES E INSEGURANÇAS

Fazia noites que dormia mal. Preocupada com a família, pagamentos sem fim, e, por vezes, achando que não iria dar conta de tudo que devia fazer, ou esquecer-me de alguma coisa. Assim, levantava e procurava anotar tudo que me vinha à cabeça.

Certa vez, parei e comecei lembrar. Desde que me conhecia por gente sempre ouvia esta expressão: “juízo, ande na linha”, ou “cuidado, senão você se dará mal”.

Ainda pequeninha, fase da descoberta do mundo, escutava mamãe gritando:

“Não suba aí, você vai cair...”

“Não ponha o dedo na tomada, você vai tomar choque...”

“Largue essa faca, ou essa tesoura, você vai se ferir”

Já na escola, durante as excursões, a professora ordenava: “Não se afastem de mim, nem do grupo, cuidado, podem se perder...”

“Não conversem com estranhos, isso é perigoso...”

Na adolescência, escutava as recomendações de meus pais, quando saía com as amigas, ou ia a alguma festa:

“Não chegue tarde...” “Veja com quem anda...” “Fulano não é bom elemento...” “Juízo, hein!”

Já casada e com os filhos, por incrível que pareça, repetia as mesmas ladainhas.

E assim foram surgindo os temores: medo de atravessar a rua; da chuva; do escuro; de ser assaltada; de enfrentar pessoas e situações desconhecidas...

Hoje, com idade, apareceram medos maiores: das perdas; da solidão; da desmotivação; do futuro de meus filhos e netos; da doença; de dar trabalho e ser um peso para os familiares; de não ser mais capaz de fazer as coisas de que gosto; de ofender os outros, ou melindrá-los, dizendo-lhes o que sinto, o que penso; de encarar a verdade para não se machucar... E, com isso tudo, uma tristeza enorme foi tomando conta de mim.

Isso porque a vida inteira fui cercada de temores, que geraram inseguranças. Sem dúvida, é preciso usar a força da esperança. Talvez, as coisas não deem certo hoje, mas, quem sabe, no futuro possa surgir algo. A verdade é que tememos embarcar em algum sonho. Por que não aplicamos a “Lei de Murphy”: “se existe alguma chance de algo dar errado, dará”. Por isso, sempre há necessidade de um plano B. Mas muitos de nós sequer têm um plano A em sua vida. Como diz Eugênio Mussak: *“Viver é uma aventura, e a vida é bela, justamente por seu caráter imprevisível. Viver intensamente é retirar da vida tudo o que possa oferecer, mas, sem um bom plano, é melhor nem sair de casa, e este é aquele que considera a possibilidade de uma ou mais alterações.”*

Ora, só assim andaremos verdadeiramente na linha, libertando-nos dos temores e inseguranças e jamais enfiaremos o pé na jaca, pois sempre haverá outros e mais outros caminhos.

UMA REFLEXÃO SOBRE O COTIDIANO

Pensava sobre o que é ser livre. Será que é possível ser realmente livre? Será que podemos fazer e praticar tudo que queremos? Tantos obstáculos nos amarram: deveres familiares, sociais e profissionais. Ao invés de dar conta das obrigações domésticas, pagamentos mensais, responsabilidades profissionais, não seria melhor atirarmos tudo isso para o ar e aproveitarmos a vida, saboreando o gosto daquilo que realmente nos proporciona prazer? E daí, como ficaria nossa consciência?

Largando para lá tudo isso, peguei um livro para ler, tentando distrair meus pensamentos. Por acaso, chamou-me atenção o título de uma crônica de Ignácio de Loyola Brandão, *Poblema ou Pobrema*? Talvez, por estar envolvida nas mudanças ortográficas do Novo Acordo.

O autor tem razão ao afirmar que um cronista não precisa de inspiração, necessita de amigos, de olhos e ouvidos abertos, pois uma cidade, como São Paulo, está repleta de assuntos em cada canto, basta ficar atento e fispá-lo. E assim, relata a história contada por um amigo, passada em um ônibus da cidade, que ocorreu com uma parenta, professora, a caminho da escola.

Certo dia, enquanto, através da janela da condução, observava a mesma paisagem monótona da periferia da cidade, duas mulheres entraram e sentaram-se no banco da frente. Eis que uma delas dizia a outra: "Pra variar ando muito preocupada com as palavras. Agora, encasquetei com as palavras "poblema e pobrema", não sei qual é a certa, ou se as duas estão certas.

Neste caso, o que quer dizer cada uma? Já perguntei pra um montão de gente, mas ninguém sabe. Será que vou ter que ir a uma escola pra perguntar para um professor?

A amiga então lhe respondeu: "Você está com uma danada de sorte, pois eu sei. Poblema é quando você tem um poblema em casa com qualquer um de sua família, e pobrema são as contas que a gente faz na escola." E, assim, ficou feliz da vida. O seu problema estava resolvido, sem dicionário, sem correção, sem teoria.

Lendo esta crônica, fiquei pensativa. Lembrei-me do meu problema: o que é ser livre? Aí está o que é liberdade. Ela está dentro de nós. É imaginarmos alguma coisa e torná-la realidade no nosso interior. Ninguém pode tolher nossos pensamentos, nossos sonhos. E tem mais, o que se passa em nossa cabeça, só nós é que sabemos, o espaço é todo nosso e não temos que dar satisfação a ninguém.

PASSEIO CULTURAL AO MUSEU DA CASA BRASILEIRA

Era uma terça-feira, céu nublado de outono cobria a agitada cidade de São Paulo. Lá fomos nós, cinco amigas, para conhecermos o Museu da Casa Brasileira, localizado na movimentada Av. Faria Lima, antiga residência do casal, Fábio Prado e Renata Crespi.

Havíamos lido alguns dados sobre ele: a casa era em estilo neoclássico, foi projetada para moradia de Fábio Prado, prefeito de São Paulo, entre 1934 e 1938, e expunha mobiliários dos séculos XVII ao XX, cristais, porcelanas e outros objetos, era circundado, também, por um amplo jardim, onde havia 200 espécies de árvores brasileira.

Mas, ao entrarmos, a admiração foi enorme, os dados ficaram pequenos diante do que vimos.

Logo, no hall da entrada, deparamos com o busto de Renata, esculpido por Brecheret, e o quadro de Cândido Portinari, “Floresta e Veados”.

Outra surpresa nos esperava: havia, também, uma exposição sobre Santos Dumont. Graças ao jovem monitor, Leandro, tivemos uma verdadeira aula sobre sua vida, experiências e construções: balões, túneis de vento, dirigíveis, hidroplano e os famosos aviões 14 Bis e Demoiselle, além de assistir à animação da experiência de Dumont com o triciclo e saber de sua superstição com o número 8, devido ao incêndio ocorrido, numa de suas experiências, justamente nesse dia.

O tempo corria e ainda faltava conhecer o andar superior, onde se encontrava quase todo o acervo pertencente ao casal Crespi-Prado.

Realmente, fizemos uma viagem no tempo, imaginando como vivia esse casal. O bom gosto dominava: assoalhos de madeira larga; pisos de mármore; serviços de porcelana francesa, com pinturas de pássaros; talheres finíssimos; bandejas de prata; copos de cristal; tapeçarias; quadros de pintores famosos, por vezes, retratando o casal e seus familiares; além do Oratório e a escultura da Madonna com Menino.

Uma visita de apenas duas horas é muito pouco para conhecermos esse rico acervo, encravado entre ruas agitadíssimas de nossa capital.

Sem dúvida ,esse culto casal, Fábio e Renata, descendentes de tradicionais famílias paulistas, cooperou para incentivar nossa arte e cultura. Com a morte de Fábio, Renata, sem filhos, resolveu doar sua mansão à Fundação Padre Anchieta, sendo que, mais tarde, Renata criou a Fundação Crespi-Prado.

Encantadas com esse banho de arte, terminamos o nosso passeio, desfrutando um lanche no aconchegante restaurante do Museu, situado no seu jardim, sombreado por suas árvores.

Como de tudo fica um pouco...Restou para nós não só a beleza do lugar, mas o espaço de lazer, de prazer em nossas atribuladas vidas, repletas de deveres e afazeres\.